



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADE

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS

EUCIMARA EMILIANE BEZERRA DA COSTA

**REFLEXÕES SOBRE A PANDEMIA A PARTIR DAS OBRAS – A PESTE (CAMUS)
E ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA (SARAMAGO)**

**GUARABIRA
2022**

EUCIMARA EMILIANE BEZERRA DA COSTA

**REFLEXÕES SOBRE A PANDEMIA A PARTIR DAS OBRAS – A PESTE (CAMUS)
E ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA (SARAMAGO)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura e ensino

Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837r Costa, Eucimara Emiliane Bezerra da.
Reflexões sobre a pandemia a partir das obras - A Peste (Camus) e Ensaio sobre a Cegueira (Saramago) [manuscrito] / Eucimara Emiliane Bezerra da Costa. - 2022.
22 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

*Orientação : Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, Coordenação do Curso de Letras - CH. *

1. Literatura. 2. A Peste. 3. Ensaio sobre Cegueira. 4. Pandemia. I. Título

21. ed. CDD B869.3

EUCIMARA EMILIANE BEZERRA DA COSTA

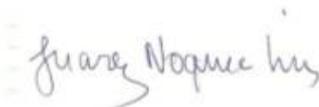
**REFLEXÕES SOBRE A PANDEMIA A PARTIR DAS OBRAS – A PESTE (CAMUS)
E ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA (SARAMAGO)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura e ensino

Aprovada em: 25/11/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jackson Cícero França Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“A pior cegueira é a mental, que faz com que não reconheçamos o que temos pela frente”. (SARAMAGO, ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA)

“Os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo igual número de pestes e de guerras. E contudo, as pestes, assim como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas.” (CAMUS, A PESTE)

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	13
Figura 02.....	14

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

3 ANÁLISE: ALGUNS SENTIDOS DA PANDEMIA NOS ROMANCES

3.1 METODOLOGIA

3.2 OS ROMANCES E SEUS AUTORES

3.2.1 Frontispício das duas obras e seus autores

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

REFLEXÕES SOBRE A PANDEMIA A PARTIR DAS OBRAS – A PESTE (CAMUS) E ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA (SARAMAGO)

Eucimara Emiliane Bezerra da Costa
Orientador: Juarez Nogueira Lins

RESUMO: Inúmeras obras literárias discutem a temática do isolamento social ocasionado por epidemias e pandemias, desde o século XVIII até a contemporaneidade – *A Peste*, *A dança da Morte*, *O amor nos tempos do cólera*, *Olhos da escuridão*, *Ensaio sobre a cegueira*, dentre outros. Entrar em contato com esses mundos imaginados, articulá-los à realidade atual, contribui para a construção de espaços reflexivos: reflexão sobre os acontecimentos, oriundos da pandemia do coronavírus e sobre os modos de enfrentamento de tais situações. Nesse sentido, a partir de pesquisa realizada por esta bolsista do PIBIC/CNPq-UEPB, objetivou-se analisar 02 romances que tematizam a pandemia, buscando articular as realidades literárias à realidade social, com vista a compreender como a literatura sobre epidemia/pandemia pode se tornar um espaço de reflexão sobre os efeitos da pandemia do coronavírus. O aporte teórico da pesquisa constituiu-se dos estudos de Candido (1989, 1995, 2006) e a relação literatura e sociedade, literatura e humanização; Barthes (2004), Figueiredo (2021), Carvalho (2020) sobre literatura e teoria literária e Ruffato (2020) sobre literatura e pandemia. A metodologia, utilizada pesquisa bibliográfica, analítica e interpretativista, de abordagem qualitativa. o corpus desta pesquisa foi composto pelos romances: *A Peste* (1947), de Albert Camus e *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), de José Saramago. Os procedimentos da pesquisa foram definidos em 02 etapas – leitura e sistematização dos textos teóricos, a leitura, análise dos dois romances. Os resultados indicam que os romances colocam os sujeitos em contato com outros sujeitos e sentimentos, durante o período pandêmico. Isso contribui para que os sujeitos reais, a partir dos acontecimentos imaginados, compreendam melhor o mundo real a sua volta, reflitam sobre suas vivências durante a pandemia.

Palavras-chave: Literatura, A Peste e Ensaio sobre a Cegueira, pandemia.

1 INTRODUÇÃO

A partir da leitura de um texto de Luiz Ruffato (2020), intitulado “Literatura em tempos de Pandemia” em que o autor sugere leituras que abordam a temática pandêmica, e ainda norteado por alguns de seus pressupostos, dispostos ao longo do citado artigo, surgiu inicialmente, a ideia de ler as obras sugeridas. No entanto, além das obras sugeridas, resolvemos pesquisar outras, sobre a temática. E, por fim, decidimos transformar essa busca, em uma pesquisa científica.

E assim, surgiu esta Pesquisa de iniciação Científica PIBIC/UEPB/CNPq, idealizada e coordenada pelo Prof. Juarez Nogueira Lins, do Departamento de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com o objetivou-se analisar 02 romances sobre a pandemia, buscando articular as realidades literárias à realidade social, com vista a compreender como a literatura sobre epidemia/pandemia pode se tornar um espaço de reflexão sobre os efeitos da pandemia do coronavírus. As obras selecionadas, dentre as inúmeras sugeridas pelo próprio Ruffato e por outros professores/críticos foram: *A Peste* (1947), de Albert Camus e *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), de José Saramago O aporte teórico da pesquisa constituiu-se dos estudos de Candido (1989, 1995, 2006) e a relação literatura e sociedade, literatura e humanização; Barthes (2004), Silva (2002), Carvalho (2020) sobre literatura e teoria literária e Ruffato (2020) sobre literatura e pandemia.

E, a partir desta pesquisa qualitativa e interpretativista, buscou-se articular os textos literários ao momento atual – em que os sujeitos se encontram fragilizados seja pelo isolamento, medo, perdas, incertezas ou inundados por informações/desinformações – e analisá-los, à luz da teoria e à luz das nossas vivências pessoais, possibilita algumas contribuições: o incentivo à leitura do texto literário e a leitura de textos literários que abordam a realidade atual; a constituição de espaços reflexivos sobre a pandemia e seus efeitos, levando os leitores a perceberem que não estão sozinhos na vivência de suas adversidades, nesse momento de exceção.

2 ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

De acordo com Lins (2021) a literatura, enquanto organismo social/cultural, registra e expressa a complexidade, diversidade e conflitos existentes na sociedade. Ela é constituída a partir deste mundo social e cultural e, também é constituinte dele. Trata-se de um olhar diferenciado, um filtro que desvela/revela os caminhos (ações) constituídos pelos sujeitos sociais. Ela cria/recria, a partir da base sólida, da realidade, outros mundos, imaginários, possíveis. Mundos novos, livres, livres das amarras do poder. (BARTHES, 1978). Para este autor (2004) a literatura seria uma síntese de todo conhecimento humano, dos saberes, como podemos observar no início desta longa citação e ao longo dos nossos grifos:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusóé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). **Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.** É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: **ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real.** Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis — insuspeitos, irrealizados: **a literatura trabalha nos interstícios da ciência:** está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que a provisãoou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. **A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa.** Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; **a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas — que sabe muito sobre os homens.** O que ela conhece dos homens, é o que se poderia chamar de grande estrago da linguagem, que eles trabalham e que os trabalha, quer ela reproduza a diversidade dos socioletos. (BARTHES, 2004, p. 17-18)

Para Barthes, pela sua capacidade de articular várias áreas e saberes diferentes, a literatura ocuparia um espaço de destaque no ensino. Por tratar todos os aspectos sociais, englobaria todas as ciências, mais precisamente, os pequenos

espaços que as compõem. Embora trabalhe com a imaginação, tem o pé na realidade, e apresenta outra realidade possível. Vemos esse pressuposto nas duas obras literárias, objeto de nosso estudo – *Ensaio sobre a cegueira* e *A Peste*. Para tratar de maneira sutil, questões relativas a pandemia, sem pretender saber, mas sabendo além da capacidade científica de ver e entender a realidade social. Deste modo, a nossa proposta se articula através da inter-relação entre o literário e o social, posição defendida por Candido (2006), e ao longo de outros textos seus, e que fundamentam esta pesquisa. Portanto destaca-se aqui, a literatura, que minimiza, nesse momento de pandemia (uma realidade social), de ameaça a nossa sobrevivência, enquanto indivíduos e espécie. Portanto, vale a pena buscar na literatura, em algumas de suas narrativas, o prazer de ler e elementos para refletir e seguir em frente (RUFFATO, 2020).

E as obras citadas oferecem esses elementos. Silva (2002) contextualizando o romance *Ensaio sobre a cegueira*, enfatiza: tal romance, de acordo com a descrição de sua ambiência ficcional tem tudo o que caracteriza a sociedade contemporânea. Ela cita o congestionamento de carros e pessoas nas ruas; a violência urbana, representada pelo roubo de carros e o disparo dos soldados contra o ladrão. E também pela presença de grupos armados – grupo de cegos que detém uma arma e subjuga os demais. Também na obra está presente a desorganização social, (lixo, miséria, destruição das instituições públicas e privadas) e por fim, a presença marcante de imagens audiovisuais e produtos da tecnologia industrial – outdoor, rádio, televisão, telefones e eletrodomésticos modernizados.

Mesmo sendo obras anteriores a pandemia atual, elas trazem marcas de outros acontecimentos, experiências. De acordo com Candido (1985), a criatividade, a imaginação e a originalidade de uma obra literária partem das condições reais do tempo e do lugar, muitas vezes, de acontecimentos datados historicamente. E que se transformam em narrativas que valem pelo que elas expressam para as próximas gerações.

3 ANÁLISE: ALGUNS SENTIDOS DA PANDEMIA NOS ROMANCES

Em tempos de pandemia, estar vivo é um luxo. Permanecer vivo é um desafio. Na falta de um antídoto, restam-nos a cultura, a arte e uma tentativa de civilidade baseada em modelos apreendidos às esferas culturais, educacionais e artísticas sobre

as quais, eventualmente, a desinformação, interesses políticos e preceitos dogmáticos e morais assinalam esgarçamentos éticos e comportamentais e podem vitimar e expor a risco uma parcela significativa da população. (REIS, p. 396).

A epígrafe, acima, destaca a aventura de viver, em meio a pandemia, entre informações, desinformações – tendo a cultura, como uma saída possível, em meio às faltas. E vendo a literatura enquanto parte dessa cultura, neste tópico discutiremos essa possibilidade. Para tanto, destacaremos os elementos metodológicos da pesquisa, caracterizaremos as obras, objeto de análise, e analisaremos fragmentos das duas obras literárias, com o intuito de vislumbrar relações de proximidade entre os eventos pandêmicos, ficcionais e a realidade pandêmica no Brasil.

3.1 METODOLOGIA

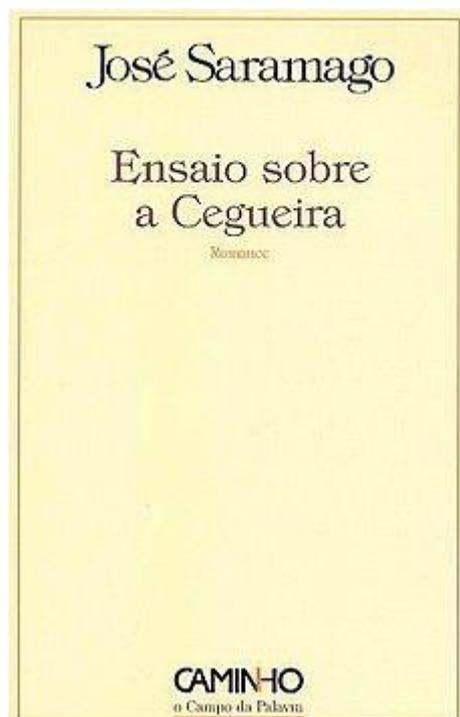
Quanto a metodologia, utilizou-se pesquisa bibliográfica, analítica/interpretativista, de abordagem qualitativa. o corpus desta pesquisa foi composto pelos romances: *A Peste* (1947), de Albert Camus e *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), de José Saramago. Os procedimentos da pesquisa foram definidos em 02 etapas: leitura e sistematização dos textos teóricos de Candido, Barthes, Schwartz, Eagleton – a leitura e análise dos dois romances acima citados.

3.2 OS ROMANCES E SEUS AUTORES

3.2.1 Frontispício das duas obras e seus autores

Trazemos aqui, para reconhecimento e breves comentários as imagens das duas obras para que nós possamos olhar e ver, além das palavras, a imagem. A figura 01 se refere a primeira edição da obra *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, datada de 1995. A figura 02, mais adiante, traz a primeira edição da obra *A Peste* de Albert Camus. Nas imagens, não há um indício forte sobre a inquietação que tais obras podem causar nos leitores da pandemia.

Figura 01 – Capa da 1ª Edição



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ensaio_sobre_a_Cegueira

O romance, acima retratado, *Ensaio sobre a cegueira* (1995), do escritor português José Saramago¹ – relata a história de uma cidade (sem nome) acometida, repentinamente, por uma epidemia de cegueira. Um homem comum, num dia qualquer, parado no sinal de trânsito com seu carro, à espera que este abra. Ao tentar dar partida no veículo, percebe que está cego. A partir daí, os habitantes da cidade, vão, um após outro, perdendo a visão – na rua, no trabalho, em casa e por fim, toda a população é atingida pela cegueira branca. Sem motivos que se entenda ou razão que se explique, as pessoas acometidas, são confinadas e excluídas. O caos se instala e abala as estruturas sociais de tal sociedade. Trata-se de uma obra densa e inquietante que nos leva a uma reflexão sobre a condição humana, na contemporaneidade. Sobre o livro Saramago afirma:

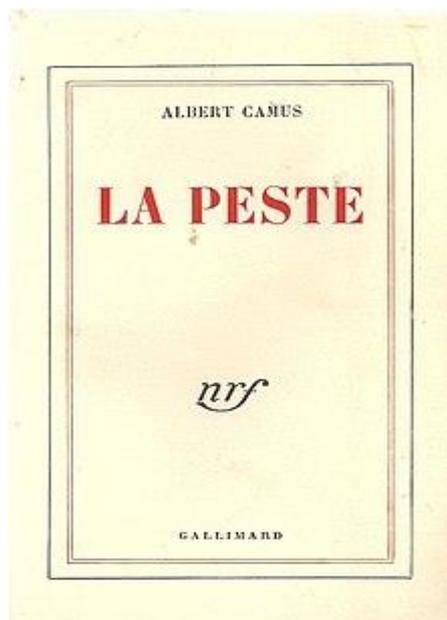
Este é um livro francamente terrível com o qual eu quero que o leitor sofra tanto como eu sofri ao escrevê-lo. Nele se descreve uma longa tortura. É um livro brutal e violento e é

¹ José de Sousa Saramago. Além de *Ensaio sobre a cegueira*, publicou vários romances, dentre os quais: *História do Cerco de Lisboa*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, *Memorial do Convento* e outros. Ganhador de vários prêmios, dentre eles o Prêmio Camões e o Nobel de Literatura (1998). Faleceu em 2010.

simultaneamente uma das experiências mais dolorosas da minha vida. São 300 páginas de constante aflição. Através da escrita, tentei dizer que não somos bons e que é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso.²

Saramago destaca o sofrimento para construir o romance e como este sofrimento se faz sentir também no leitor. Aflição que inquieta e faz os sujeitos refletirem sobre si. Inquietante, também é o Romance *A Peste*, (Figura 02) do francês Albert Camus³. O romance retrata uma peste, transmitida pelos ratos, que atingiu a cidade de Orã, na Argélia e dizimou grande parte da população desta cidade.

Figura 02 – Capa da 1ª Edição



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Peste

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

² <https://www.quiaestudo.com.br/ensaio-sobre-a-cegueira>

³ Albert Camus – escritor franco-argelino, premiado com o Nobel de Literatura (1957). Além de *A Peste* (1947), publicou outros romances, dentre eles *O Estrangeiro* (1942) considerado sua mais importante obra literária. Faleceu na França, em 1960.

Trazemos aqui, alguns trechos das narrativas, seguidos de reflexões sobre a relação entre o enredo das obras e a realidade pandêmica, buscando, entre outros aspectos, a vida em isolamento, as formas de enfrentamento das adversidades.

Na obra *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), o autor metaforiza a doença a partir de ações empreendidas por seus personagens – o surgimento inesperado, como foi a covid-19, o caos gerado pelo desconhecimento, pela falta de informação sobre a origem, formas de contágio, prevenção e cura. E também o oportunismo de pessoas que se “aproveitaram” de situações para cometer atos reprováveis. Desde poderosos às pessoas mais simples, de uma forma ou de outra, buscaram “lucros com a miséria alheia.”, mesmo sob o teto da peste (da pandemia).

Ao oferecer-se para ajudar o cego, o homem que depois lhe roubou o carro não tinha na mira, nesse momento preciso, qualquer intenção malévola, muito pelo contrário, o que ele fez não foi mais que obedecer àqueles sentimentos de generosidade e altruísmo que são, como toda a gente sabe, duas das melhores características do gênero humano, podendo ser encontradas até em criminosos bem mais empedernidos do que este, simples ladrãozeco de automóveis sem esperança de avanço na carreira (...) Foi só quando já estava perto da casa do cego que a ideia se lhe apresentou com toda a naturalidade, exactamente, assim se pode dizer, como se tivesse decidido comprar um bilhete da lotaria só por ter visto o cauteleiro, não teve nenhum palpíte, comprou a ver que dali saía (...) (SARAMAGO, 1995 p.25).

O autor destaca aqui, as ações de pessoas aproveitadoras, e, que estando sujeitas às mesmas condições de risco, seguem se aproveitando da situação para se beneficiar. Nesse caso, no entanto, não estando imune, acaba se contagiando, também. Isso nos faz refletir sobre a democracia da enfermidade, que não poupou, nem ricos nem pobres. Embora estes últimos, devido a precariedade de vida, foram, certamente, os mais afetados.

Na realidade, assim como na ficção, houve um evidente oportunismo, em cima da miséria. Nos primeiros meses da pandemia, com a elevação do número de infectados e a condição de quarentena, a população, ainda sem um horizonte dos impactos da covid-19, fez um estoque de alimentos, produtos de higiene e itens como álcool em gel e equipamentos de proteção individual (luvas e máscaras), que foram se esgotando e fazendo com que faltassem medicamentos até para os profissionais de saúde. Reinou o oportunismo de empresários, políticos, falsos especialistas, de

peças comuns entre outros. Cada qual buscando tirar proveito pessoal, da situação. Na narrativa, o sujeito pernicioso, sofreu o castigo. Na nossa realidade, provavelmente, muita gente ficou impune. Dentre estes, algumas autoridades brasileiras. Na obra, Saramago destaca o papel inoperante das autoridades, jogando para a população a responsabilidade por conter a doença, esquecendo a sua importância enquanto agente público.

Ao oferecer-se para ajudar o cego, o homem que depois lhe roubou o carro não tinha na mira, nesse momento preciso, qualquer intenção malévol, muito pelo contrário, o que ele fez não foi mais que obedecer àqueles sentimentos de generosidade e altruísmo que são, como toda a gente sabe, duas das melhores características do gênero humano, podendo ser encontradas até em criminosos bem mais empedernidos do que este, simples ladrãozinho de automóveis sem esperança de avanço na carreira (...) Foi só quando já estava perto da casa do cego que a ideia se lhe apresentou com toda a naturalidade, exactamente, assim se pode dizer, como se tivesse decidido comprar um bilhete da lotaria só por ter visto o cauteleiro, não teve nenhum palpite, comprou a ver que dali saía (...) (SARAMAGO,1995 p.25).

O autor destaca aqui, as ações de pessoas aproveitadoras, e, que estando sujeitas às mesmas condições de risco, seguem se aproveitando da situação para se beneficiar. Nesse caso, no entanto, não estando imune, acaba se contagiando, também. Isso nos faz refletir sobre a democracia da enfermidade, que não poupou, nem ricos nem pobres. Embora estes últimos, devido a precariedade de vida, foram, certamente, os mais afetados.

Na realidade, assim como na ficção, houve um evidente oportunismo, em cima da miséria. Nos primeiros meses da pandemia, com a elevação do número de infectados e a condição de quarentena, a população, ainda sem um horizonte dos impactos da covid-19, fez um estoque de alimentos, produtos de higiene e itens como álcool em gel e equipamentos de proteção individual (luvas e máscaras), que foram se esgotando e fazendo com que faltassem medicamentos até para os profissionais de saúde. Reinou o oportunismo de empresários, políticos, falsos especialistas, de pessoas comuns entre outros. Cada qual buscando tirar proveito pessoal, da situação. Na narrativa, o sujeito pernicioso, sofreu o castigo. Na nossa realidade, provavelmente, muita gente ficou impune. Dentre estes, algumas autoridades brasileiras. Na obra, Saramago destaca o papel inoperante das autoridades, jogando

para a população a responsabilidade por conter a doença, esquecendo a sua importância enquanto agente público.

O Governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam, como cumpridores cidadãos que devem de ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando também que o isolamento em que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações, um acto de solidariedade para com o resto da comunidade nacional (SARAMAGO, 1995, p. 49).

No país, as autoridades se dividiram entre o deboche, a insensatez e a irresponsabilidade (quem não lembra da famosa frase “é só uma gripezinha” dita por nosso maior mandatário, a negação do vírus e da vacina, o kit anti-covid, formado por medicamentos que não apresentaram resultados), isso em detrimento das pesquisas médicas, farmacêuticas, das orientações dos órgãos de saúde. O povo se isolou e, assim isolados puderam refletir sobre os acontecimentos. Também na ficção, há reflexões sobre a situação e outras situações sociais. As pessoas precisaram cegar, para voltar a ver. “Provavelmente, só num mundo de cegos as coisas serão o que verdadeiramente são”. (SARAMAGO, p. 128). Isso representar a necessidade humana de sofrer determinadas “dores” para perceberem o que é realmente importante. Sair de si e sair da cena urbana, se isolar até perder a esperança “[...] estamos isolados, mais isolados do que provavelmente alguém já esteve, e sem esperança de que possamos sair daqui” (SARAMAGO, p.151). A pandemia que vivemos não chegou a esse ponto, mas realmente, algumas pessoas perderam a esperança e, infelizmente, a vida. A pandemia ainda perdura, assim, como as dúvidas que nos assolaram ao longo desses anos. No fragmento que se segue, o sentimento de dúvida que esteve presente durante um longo período da nossa pandemia, também esteve presente na ficção de Saramago.

Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos. Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem” (SARAMAGO, 1995, p.310).

O autor destaca a incerteza no cenário de cegueira que acometeu a sociedade e o que esta cegueira representa para trama. Na nossa realidade, enquanto a

população vivia entre o desconhecimento e o medo, pessoas e instituições, públicas e privadas, propagavam falsas notícias (fake News) para criar a instabilidade social: política, a polarização (esquerda x direita, religião x ciência), ou seja, instabilidades que criaram uma atmosfera de medo, pânico, desesperança. E entre tantos outros males, causou uma “cegueira” daqueles que não queriam enxergar o único meio de cura, naquele momento, a vacina. Autoridades cegas, que viam, mas não queriam ver. Pessoas iam cegando (morrendo), vendo a saída, mas sem conseguir chegar, o colírio demorou e muitos pereceram, sem ver a luz.

Tal como a “cegueira misteriosa” de José. Saramago, *A “peste”* de Camus simboliza os momentos de uma pandemia/epidemia. Neste último autor, marcados principalmente, pelo isolamento (que ele chama de exílio), mas também, pelo vazio, desumanidade, desestabilidade social, política, econômica, cultural e religiosa dos indivíduos que, diante da iminência da morte, sempre à espreita, se tornam, na prosa de Camus, seres temerosos, animalizados, poucos civilizados, com pouco ou nenhum escrúpulo. (Mesmo situados em espaços geográficos/temporais distintos, a pandemia, seja as ficcionais, seja a real, parece apresentar situações semelhantes). Vejamos a questão do isolamento, presente em *A Peste* e também na pandemia contemporânea.

Assim, a primeira coisa que a peste trouxe aos nossos concidadãos foi o exílio. E o narrador está convencido de que pode escrever aqui, em nome de todos, o que ele próprio sentiu então, já que sentiu ao mesmo tempo que muitos dos nossos concidadãos. Sim, era realmente o sentimento do exílio esse vazio que trazíamos constantemente em nós, essa emoção precisa, o desejo irracional de voltar atrás ou, pelo contrário, de acelerar a marcha do tempo, essas flechas ardentes da memória. (CAMUS, 1947, p. 71).

Na pandemia real, as pessoas se isolaram em suas casas, revisitando assim a articulação com o exílio descrito por Camus. Sem dúvidas, animalizados e pouco civilizados, tendo em vista o confinamento, mas não diria inescrupulosos, como no romance. Durante a pandemia real, pairou até um certo sentimento de solidariedade (as pessoas buscavam se ajudar, quando podiam), embora a inescrupulosidade, em situações assim, esteve presente, dentro e fora das residências e das redes.

No entanto, a angústia fez parte, não apenas dos espaços ficcionais, no cenário pandêmico vivenciados pela contemporaneidade, a angústia e a ansiedade fizeram morada nos lares, hospitais, ruas e outros recônditos. Pessoas ansiosas por melhores

dias, pelo regresso daqueles dos quais se separaram. Muitas vezes, uma espera em vão e restava as lembranças, o passado de possibilidades. A espera angustiante. O fragmento abaixo retrata esses momentos tão esperados.

[...] em esperar pelo toque da campainha que anuncia o regresso, ou pelos passos familiares na escada; se, nesses momentos, consentíamos em esquecer que os trens estavam imobilizados; se nos organizávamos para ficar em casa à hora em que normalmente um viajante podia ser trazido pelo expresso da tarde até o nosso bairro, esses jogos, obviamente, podiam durar. Chegava sempre um momento em que nos dávamos conta claramente de que os trens não chegavam. Sabíamos, então, que a nossa separação estava destinada a durar e que devíamos tentar entender-nos com o tempo. A partir de então, reintegrávamo-nos, afinal, à nossa condição de prisioneiros, estávamos reduzidos ao nosso passado e, ainda que alguém fosse tentado a viver no futuro, logo renunciava, ao experimentar as feridas que a imaginação finalmente inflige aos que nela confiam (CAMUS, 1947, p. 71, grifos nossos).

Camus situa esses momentos de espera, angústia, pela campainha que não anuncia alguém, o expresso que não chega e o isolamento que perdura, parece que não vai acabar. Enquanto isso, as pessoas continuam, sem força para reagir. E vivem num estado de letargia, depressão diante de imagens de terror, experimentadas por milhares de pessoas através dos noticiários, os quais veiculavam os enterros, caixões de madeira improvisados, queimação de corpos em massa etc. A ideia de morte torna-se presente no imaginário das pessoas. Quem será o próximo, a cair nas teias da Covid. Surge então o sentimento de letargia, desesperança, tirando a vontade de lutar, de reagir. Tudo parece inútil, nada ou pouca coisa vale a pena.

Enquanto isso, há incrédulos no “telefone ou nos cafés, fala de letras de câmbio, de conhecimentos ou de descontos? Compreenderão o que há de desconfortável na morte, mesmo moderna, quando ela chega assim, num lugar seco”. (CAMUS, 1947, p. 4). Da mesma forma que na ficção, durante a pandemia do coronavírus, pessoas que faziam festa, “aglomeravam” ignoravam as mortes, o clamor sanitário por isolamento, prevenção. Nesse cenário de adoecimento a separação dos doentes na realidade e na ficção se aproxima, como se vê no fragmento abaixo:

[...] súbita separação em que foram colocados seres que para isso não estavam preparados. Mães e filhos, esposos, amantes que tinham julgado proceder, alguns dias antes, a uma separação temporária, que se tinham beijado na plataforma da nossa estação, com duas ou três

recomendações, certos de se reverem dentro de alguns dias ou algumas semanas, mergulhados na estúpida confiança humana, momentaneamente distraídos de suas ocupações habituais por essa partida, viram-se, de repente, irremediavelmente afastados, impedidos de se encontrarem ou de se comunicarem. (CAMUS, 1947, p.40).

Em *A Peste*, destaca-se a separação brusca das pessoas, familiares e afins, num tempo sem as redes sociais. Na pandemia do coronavírus, as pessoas se isolaram e havia um ritual para aqueles que estavam fora, retornarem para casa. Cuidados sanitários eram exigidos. Entretanto, para aqueles acometidos de covid, restava a reclusão em casa, em um quarto ou a separação total, quando o doente era internado. Os internos não podiam receber visitas. As portas dos hospitais, realmente se fechavam, separando os que entravam, daqueles que voltavam para casa, sem direito a contato. Separar-se nessas condições, geralmente, era um adeus definitivo. Poucos sobreviveram para retornar aos seus lares.

Todavia, levou um tempo para que a maioria das pessoas acreditasse na letalidade e longevidade da pandemia, em virtude, principalmente, de opiniões e notícias que a viam como uma “gripezinha” ou coisas parecidas. Levou um tempo para que se desse conta da real situação. As pessoas continuavam seus planos acreditando tratar-se de uma epidemia passageira e banal. Na obra, esse sentimento de incredulidade marca as aproximações com o real.

Os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo igual número de pestes e de guerras. [...] Quando estoura uma guerra, as pessoas dizem: “Não vai durar muito, seria estúpido”. Sem dúvida, uma guerra é uma tolice, o que não a impede de durar. A tolice insiste sempre, e nós a compreenderíamos se não pensássemos sempre em nós. Nossos concidadãos, a esse respeito, eram como todo mundo: pensavam em si próprios. [...] Continuavam a fazer negócios, preparavam viagens e tinham opiniões. Como poderiam ter pensado na peste que suprime o futuro, os deslocamentos e as discussões? Julgavam-se livres e jamais alguém será livre enquanto houver flagelos. (grifo nosso) (CAMUS, 1947, p.40).

Embora o mundo tenha vivido outras pestes (peste negra, gripe espanhola...), no seu sentido conotativo as guerras, era difícil acreditar que uma pandemia pudesse se tornar tão próxima de todos os humanos e que pudesse ser tão letal. Mesmo com um número já acentuado de casos, cada um, pensando nos seus afazeres, seus negócios e lucros, ignoraram os primeiros ataques do vírus. E nesta guerra entre humanos e vírus, o homem, que normalmente pensa em si, caiu em si, tardiamente,

uns mais do que outros. O resultado foi um alto preço, e continuamos a pagar os juros. Restou-nos para fins de humanização, em nossos espaços reclusos, a literatura. Ela nos ajuda a compreender que ninguém está livre das ameaças, das amarras que nós mesmos construímos. Nos ajuda a recuperar parte da nossa lucidez, resgatar o afeto [...] diante da pressão do tempo e do que se perdeu (SARAMAGO, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas obras analisadas, *A peste* (1947) de Albert Camus, e *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), de José Saramago vimos que a literatura enquanto construto social, enquanto representação/recriação da realidade, contribui para desvelar/revelar as mazelas sociais, indicar caminhos, apresentar outros modos de ver os acontecimentos. Diante das situações descritas nos romances e sua aproximação com a pandemia da covid-19, observamos que a denúncia presente nas duas obras se revela nas atitudes de isolamento e medo, desinformação e mentira inescrupulosidade e mesquinhez, solidariedade e fraternidade, esperança e desesperança, enfim as contradições humanas. De forma mais crua, em *A Peste* e de forma mais reflexiva em *Ensaio sobre a Cegueira*. A primeira sob o estigma da violência das guerras e a segunda sob o estigma da cegueira humana, que não vê nada, além de si mesmo. E assim, as obras trazem reflexões sobre a vida dos seres humanos e suas limitações, sobre os modos de enfrentar as catástrofes naturais e aquelas criadas pelos próprios homens. Vidas ficcionais e vidas reais se confundem, realidades se antecipam e se encontram, e enfim, se fundem. A literatura, como nos diz Rufatto (2020), nos coloca em contato com os dramas e tragédias humanas e, portanto, nos ajudam a nos tornar mais humanos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, ROLAND. **AULA**. SÃO PAULO: EDITORA CULTRIX, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CAMUS, Albert. **A peste**. [S.l.], Ed. Círculo do livro, 1947.

CARVALHO, Keilliane da S. A.; LOPES, Maria S. de O. **A peste, de Albert Camus: uma leitura sob a ótica da metaficção historiográfica**. Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, v. 9, n.1, p. 468-482, jan/mar. 2020.

FIGUEIREDO, Euridice. **A peste de Camus em diálogo: epidemias do passado, pandemia do presente**. Aletria, Belo Horizonte, v. 31, n. 2, p. 183-201. 2021.

LINS, Juarez Nogueira. **A Literatura e o Social: Reflexões Sobre a Pandemia a partir das Obras – A Peste, Ensaio Sobre A Cegueira e Desta Terra Nada Vai Sobrar, a Não Ser o Vento que Sopra sobre Ela**. Campina Grande. PIBIC: Projeto de Iniciação Científica da UEPB, 2021.

RUFATTO, Luiz. **Literatura em Tempo de pandemia**. Itaú Cultural, 2020.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Maria Ivonete Coutinho: **Ensaio sobre a cegueira: um olhar que transcende o olho**. Recife. Edufpe, 2002. Dissertação de Mestrado.

SILVA REIS, Erivelto. **Ensaio sobre a cegueira: José Saramago, o arauto de um mundo em pandemia**. Convergência Lusíada, Rio de Janeiro, v. 31, n. 44, p. 395-412, jun/dez., 2020.

TEIXEIRA, G. L. **A violência é cega: reflexões em torno de Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago**. Aurora – Revista de arte, mídia e política, n. 7, p. 19-27. 2010.